TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

SEMENTES QUECHUAS

Sabrina Dalbelo

TRASGO

COPIE ESTE ZINE!

Este livro pode ser reproduzido, distribuído e copiado à vontade, desde que de maneira gratuita. Baixe um pdf em alta qualidade para impressão no site da Trasgo.
Proibida a edição ou impressão para venda sem autorização da Revista Trasgo.

Texto: Sabrina Dalbelo
Ilustração de Capa: Janio Garcia
Edição: Rodrigo van Kampen
Revisão: Jana Bianchi

Equipe da Trasgo
Editor-chefe: Rodrigo van Kampen
Editor: Lucas Ferraz
Editor: Sol Coelho

http://trasgo.com.br

SEMENTES QUECHUAS

Sabrina Dalbelo

EDITADO POR

Rodrigo van Kampen

TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

Sementes Quechuas

SABRINA DALBELO

Editado por Rodrigo van Kampen

Plantamos quatro pessoas na colina!”

Após trinta e cinco dias de trabalho no alto da montanha, o guerreiro Tupac e seus dois filhos mais velhos voltaram cansados da saga do plantio, mas vibrando. Traziam a promessa de uma colheita próspera no próximo solstício. Recepcionados pelos líderes da aldeia, abraçados pelas esposas, exibiam com orgulho as ferramentas esfoladas da lida.

Com o alvoroço ao pé da montanha, não demorou para a história se espalhar e o clima de otimismo tomar conta dos aldeões. Fazia tempo que ninguém servia para semente.

Ao ouvir os primeiros rumores, o pequeno Rumi saiu correndo pela cidadela ecoando a boa nova em alto e emocionado som. Os ventos gélidos serviram de linha de transmissão para a manchete do menino, que balançava a cabeça para um lado e para outro, de modo a alcançar mais e mais ouvintes: “Plantaram quatro pessoas!”, “Plantaram quatro pessoas!”.

Embaladas pelo êxtase de Rumi, outras crianças que estavam pela rua e à porta das casas saíram correndo atrás do menino-megafone, fazendo coro. Logo se viu uma legião de pequenos *quechuas* percorrendo as ruelas, até que a voz de Rumi foi consumida pelo riso descompassado do grupo.

Alguns meninos que descascavam milho, sentados em um semicírculo à frente do depósito de mantimentos, entreolharam-se. Ainda não tinham idade para empunhar a

lança, mas já tinham passado da hora de correr pela cidade com a manada de Rumi. Cochicharam algo sobre o jovem de dezessete anos que fora um dos quatro plantados. Sorriram ao recordar que ele era péssimo nas aulas de nós sagrados e rogaram para que os espíritos o recebessem bem, apesar disso. Semblantes serenos, voltaram a se concentrar no milho.

Pouco antes, duas meninas que carregavam jarros d'água puderam ouvir as risadinhas dos meninos e perceber que se referiam a Qhari. Nenhuma delas sorriu ou fez piada da inabilidade dele com os nós, entretanto. Ao absorverem a novidade, sentiram um misto de entusiasmo e falta. Qhari tinha a idade delas quando foi plantado.

Rapidamente, a notícia se replicou, "Teremos comida para o inverno", "Plantaram quatro pessoas". O alento foi festejado como se a própria colheita fosse. Fazia tempo que ninguém servia para semente. E, agora, quatro de uma só vez?!

Ao redor de uma fogueira especialmente preparada para isso, os anciãos se reuniram aos guerreiros para ouvir a história de Tupac, que não os poupou de nenhum detalhe.

Com gestos firmes, Tupac ia fazendo a volta na labareda, dirigindo seus olhos profundos aos presentes, narrando cada passo do plantio. Apontava para o céu, batia no peito, descansava as mãos no chão, conforme desenvolvia o relatório.

Ele confirmou a identidade das quatro sementes e o lugar onde as enterrou no alto da colina. Contou como foram escolhidas por *Pachamama* e que não teriam sofrido por isso. Disse, também, que não teve trabalho para reconhecer que germinariam, especialmente o garoto Qhari.

"O solo onde plantei Ayar, Killa e Nuna, todos com mais de trinta anos, permanecia úmido e mostrava os primeiros sinais de germinação após dez dias do plantio. Já a

terra sobre Qhari, o garoto de dezessete anos, após três dias estava tomada de uma camada verde folheosa e, após dez, dava lugar a vários pés de hortaliças e a algumas espécies frutíferas. Quando saí da montanha, deixei para trás árvores de médio porte, muitas hortaliças e um milharal capaz de dar conta da aldeia inteira e dos animais por oito ciclos da lua. Em pouco tempo, podemos voltar e colher."

Ao fim do relato, bateu forte o braço direito com o punho cerrado no centro do peito e garantiu ter honrado os deuses: "Eles nos darão boa colheita!"

Não era sempre que alguém servia para semente. Quando acontecia, era uma honra para a pessoa e um alento para o povo. Em *Aguas Calientes*, a comida só crescia das sementes de pessoas plantadas.

Tupac era o guerreiro que mais entendia de pessoas que serviam para sementes. Ele tinha a sabedoria para reconhecer o potencial de germinação de um corpo, experiência que adquiriu assistindo ao seu pai plantando, por décadas.

O primeiro plantio de Tupac foi, para sua honra, o próprio pai. O pai não germinou, mas Tupac já sabia. Como o velho mesmo havia lhe antecipado, "guerreiro cansado não germina, filho". Tupac o plantou mesmo assim.

Tupac tinha certeza que Qhari germinaria e daria bons frutos, mesmo que não fosse um garoto nobre nem brilhante. Qhari possuía pujança, verdura, potência e não morreria aos olhos da Mãe Terra. Dito e feito.

Com o clima de otimismo, a cidade tomou cor. Mais madeira e mais água foram estocados para os cozidos, prevendo o aumento de vapores nas moradas em alguns meses.

Os sacerdotes se ocuparam dos rituais próprios da espera do solstício, os guerreiros afiaram as ferramentas, as mulheres prepararam as panelas de cerâmica, os jovens

foram escalados para ajudar, tudo no aguardo da colheita.

As crianças brincavam enterrando bonequinhos de palha de milho embaixo de pedras enquanto entoavam velhas canções rimadas, riam e limpavam as narinas com as mangas.

Chegada a hora de subir a colina para a colheita prometida, o vento arremessava violento a mistura de neve e folhas contra os corpos humanos enquanto assobiava duas ou três notas musicais intermitentes.

A comitiva estava ao pé da montanha ajeitando toucas e casacos, quando se ouviu uma voz feminina, cada vez mais clara em volume, mas não em conteúdo, vindo da cidadela na direção do grupo.

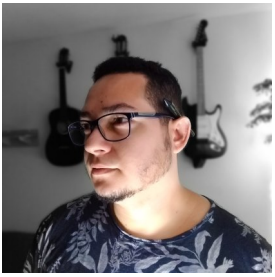
Ao longe, perceberam alguém que carregava o que parecia uma grande trouxa de roupa no colo. Esbaforida, já cambaleando devido ao peso, gritava repetidamente "Esperem! Esperem!".

Tupac retrocedeu um pouco e foi até a mulher, Tika, mãe da semente Qhari, que lhe estendeu a trouxa: "Aqui, Tupac, leve! Leve Rumi. Ele caiu e bateu a cabeça, ainda deve dar tempo de plantar meu menino. Se *Pachamama* fez meu Qhari frutificar, vai aceitar meu pequeno Rumi".

Texto

SABRINA DALBELO É GAÚCHA E RESIDE EM BENTO GONÇALVES. FORMADA EM DIREITO, É SERVIDORA DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. É AUTORA DOS LIVROS DE POESIA “BASEADO EM PESSOAS REAIS" (POESIAS ESCOLHIDAS, 2017), “LENTE DE AUMENTO PARA COISAS GRANDES” (PENALUX, 2018) E “RASGA-OSSOS” (PENALUX, 2020). FOI ALUNA DA OFICINA DE CRIAÇÃO LITERÁRIA CONTANTES, PROJETO FOMENTADO PELO FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA DE BENTO GONÇALVES (2018) E DO CURSO “ESCREVENDO LITERATURA FANTÁSTICA”, DA METAMORFOSE CURSOS.

Ilustração



ILUSTRADOR, ARTISTA CONCEITUAL E INSTRUTOR DE ARTES DESDE 2012, JANIO GARCIA TEM EXPERIÊNCIA COM COLORIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PINTURA DIGITAL, STORYBOARD, ARTE SEQUENCIAL, CENÁRIO PARA ANIMAÇÃO E ARTE CONCEITUAL PARA OS MERCADOS PUBLICITÁRIO E EDITORIAL. PODCAST, CAFÉ, LITERATURA, FILMES, SÉRIES E GAMES ESTÃO ENTRE SUAS COMPANHIAS.

Como foi escrever Sementes Quechuas

SABRINA DALBELO

Sementes Quechuas nasceu ante a necessidade de escrever um conto com elementos fantásticos para uma chamada de textos onde eu concorria a uma vaga em uma jornada de literatura fantástica com uma imersão para escrever um conto, a ser publicado em antologia. Fui selecionada por conta dele. Mas o conto que me abriu as portas ficou guardado, até mais uma vez ser lido, apreciado e, pela primeira vez, publicado. Aqui na Trasgo. Para mim, ele já está sendo realmente fantástico pela segunda vez.

Ele foi escrito ao entardecer, foi nascendo e tomando forma, palavra por palavra, nem eu sabia onde o elemento fantástico entraria ou como eu construiria o final. O que veio na minha mente, logo de partida, foi a ideia de contar a história de pessoas germinando. Gostei disso.

Com isso, o lugar onde o conto se passaria ficou claro. E aí foi só deixar as lembranças da viagem que fiz ao Peru, em abril de 2017, com meu pai, invadirem o curso. Uma viagem maravilhosa, diga-se, a primeira internacional dele.

Fiz uma pequena pesquisa na internet para me ajudar com os nomes próprios. Tinham de combinar com o ambiente e local: "nomes de origem inca"; “nomes de origem quechua". E foi esse o apoio externo.

Lembro de quando nosso micro-ônibus descia as montanhas da Cidade Sagrada em direção ao vilarejo de Aguas Calientes (localizado na base das montanhas até

Machu Picchu). Nós tínhamos passado a manhã inteira explorando as ruínas. Estávamos exaustos e extasiados. Meu pai, com os olhos molhados, me disse “realizei um dos sonhos da minha vida. Obrigada, minha filha". Eu que agradeço, pai. Uma viagem para um lugar tão mágico, tão especial, só eu e tu. Por que esperamos tanto?

E provavelmente essa emoção de filha tenha me invadido e eu apenas deixei as imagens que me orbitavam as lembranças desencadearem a trama do conto. A história que construí é ficcional, claro, mas meio que não é, por conta disso, dessa intimidade que criei com ela, desse sentimento que aquele lugar deixa na gente.

E lá estava eu assistindo aos guerreiros e seus rituais. E agora é você que vai saber deles.

Tentei trazer um pouco das montanhas frias e ventosas, da rusticidade das casas, da umidade do clima, da cidadela de Aguas Calientes, da majestosa Machu Picchu, das lendas dos ancestrais peruanos que falavam a língua quechua. Que nome bonito, sonoro: k/é/x/u/a. Desde que ouvi essa palavra, lá no Peru, eu me apaixonei. E as lembranças, as que tive e não tive, foram se materializando no conto.

O Peru é fascinante. Deparar-se com o Oceano Pacífico é entender que somos um detalhe tão ínfimo do universo. É como se eu tivesse de agradecer à grandeza do Pacífico por entender isso.

E a cultura do povo? Invejável o respeito sério e sensato que nutrem pela *Pachamama*, a Mãe Terra, que é pura vida, se renova e alimenta ao homem. Até os dias atuais isso está incutido na cultura do povo peruano. Em Cusco – “o umbigo do mundo”, em quechua – e arredores, é nítida a influência das celebrações e dos rituais sagrados antigos, ainda que a religião católica tenha patrolado construções,

monumentos e símbolos, se apossando deles.

Literalmente, igrejas suntuosas foram levantadas sobre construções pré-colombianas de engenharia de ponta, enterrando-as. Quando em visita à Catedral de Cusco, descobri que a igreja tinha como alicerce uma gigante construção inca, sólida, preparada contra os abalos sísmicos, que atingem o país historicamente. Fiquei curiosa e muito incomodada com aquela usurpação de cultura dos católicos imperialistas. Perguntei ao guia turístico por que esse legado material não era resgatado, sugerindo devolver à cidade a construção original. Ele, muito calmo, respondeu "não acreditamos que uma má escolha justifique outra". E centenas de anos de engenharia dos povos antigos permanecerão cobertos pelos santos e pelos andores.

Mas eu entendi. Isso é respeito e resiliência no mais puro sentido. E eu respeito os peruanos por isso. Aprendi com eles.

Gosto de imaginar que os guerreiros antigos, como os do meu conto, respeitavam tanto a Mãe Terra a ponto de se oferecerem como sementes para as novas gerações se alimentarem com seus frutos. Isso me parece verossímil.

Gosto de pensar que isso acontecia, porque não tenho razão alguma para duvidar da bravura dos guerreiros, de que ouvi falar muito.

O povo peruano, nessa experiência de uma semana de convívio, muito mais significativa do que eu poderia imaginar, me fez acreditar que um sacrifício dessa magnanimidade, talvez, não seja apenas fantasia. Talvez não seja.

Madrinhas e Padrinhos

Muito obrigado, de coração, pelo apadrinhamento. Essa edição só existe graças ao apoio destas incríveis pessoas:

Alexandre Felipe de Sousa, Alvaro Rodrigues, Amanda De Seixas Pina, Ana Rusche, anderson henrique gonçalves, Andrea Oliveira Alves, André Colabelli, Anne Demeneck, antonio farias, Ásbel Torres da Cunha, Bárbara de Lima Morais, Beatriz Ribeiro, Benjamin, Bruno Rauber, Caio Henrique Amaro, Caique Bernardes Leite Cesar, Camila Fernandes, Camilla, Cárlisson Galdino, Carlos Alejandro Rico Guevara, carlos calenti, Carlos Henrique de Magalhães, Carlos Rocha, Carolina Vidal Décio, Caroline Fronza, Catharino Pereira, Cesar Ricardo Tomaz da Silva, Clariana Castro, Claudia Du, Cláudia Fusco, Cleison Ferreira, Conrado de Lima, Cristina Pezel, Daniel Folador Rossi, Davi Ferreira Alves da Nóbrega, Diogo Luiz da Silva Ramos, Diogo Renan Simoes de Lima, Dyego Maas, Edgar Egawa, Eduardo Nunes, Eduardo Peret, Fabiana Ferraz, Fernanda Castro, Fernando Antonio Amaral Silva, Gabriele Gomes Diniz, Gustavo Melo Czekster, Hális Alves, Helton Lucinda Ribeiro, Iana Picchioni Araújo, Igor Mascarenhas, Jana Bianchi, Janito Vaqueiro Ferreira Filho, Jan Santos, Jayne de Lima Oliveira, Jefferson Aldemir Nunes, Jessica Fernanda de Lima Borges, José Carlos Suárez da Rosa, Juliane Carolina Livramento, Kali de los Santos, Kyanja Lee, Liége Báccaro Toledo, Lucas Canabarro, Luiz Gabriel Pereira, Marcel Breton, Marcele Batista, Marcelo Baldini, Márcio Moreira dos Santos Filho, Maria Danielma dos Santos Reis, Mauricio Souza Junior, Mayara Barros, Melissa de Sá, Michel Peres, Nina O'Neill, Oghan N'Thanda, Ovídio Augusto Amoedo Machado, Patrícia Souza, Petronio De Tilio Neto, Priscilla Maria Villa Lhacer, Raphael Andrade, Renan Bernardo, Renan Santos, Ricardo De Moura Rivaldo, Ricardo Santos, Roberto de Sousa Causo, Rodrigo Chama, Rodrigo da Gama Bahia, Rodrigo Junqueira, Rodrigo Silva do Ó, Santiago Santos, Tais Assuncao, Talles Magalhães, Thais e Souza Labanca da Silva, Thiago Leite Cordeiro, Tiago de Oliveira Bizachi, vanessa guedes, Victor Bertazzo, Victor Gerhardt, Wendel Spargoli e Wilker Ribeiro.

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

A Trasgo é uma iniciativa independente que busca trazer os melhores contos de ficção científica e fantasia nacionais ao público. Todo o conteúdo é acessível gratuitamente online.

Saiba mais sobre a Trasgo em

WWW.TRASGO.COM.BR